

INFORMAÇÕES

Semana e Dia da Diocese: De 7 a 14 de Novembro decorre a Semana da Diocese, que terminará no próximo domingo, com a Eucaristia presidida pelo nosso Bispo, que inclui o Ofertório Solene Diocesano, no qual representantes de cada paróquia entregam nas mãos do Sr. Bispo as ofertas para a Diocese. Para não se esquecer, leve para casa um dos envelopes da Diocese que foram distribuídos pelos bancos da igreja e entregue-o com a sua oferta no Ofertório das Missas do próximo domingo.

Magusto: Integrado no Programa da Comissão Instaladora do Conselho Pastoral Paroquial e no Plano anual de Catequese, realizar-se-á no próximo sábado, dia 13, mais uma vez o tradicional Magusto, que será organizado, como já é habitual, pelos nossos Escuteiros. Todos são convidados a participar.

Programa: 9,30 h. – Partida para o monte em busca de gravalha para a fogueira; 11 – 12 h. – Entrega no salão paroquial das castanhas, já lanhadas; 15 h. – Magusto no adro da Igreja Paroquial.

Bíblia manuscrita: Quem quiser participar nesta iniciativa, escrevendo um ou mais versículos da Bíblia, dirija-se à Biblioteca Municipal de Viana do Castelo nos fins de semana de 7, 14 e 21 de Novembro.

Conversas com Deus: Como já tinha sido anunciado, neste domingo, dia 7, haverá no Seminário Diocesano, em Viana do Castelo, mais uma “Conversa com Deus”, um tempo de oração e reflexão organizado pelo Secretariado Diocesano da Juventude e aberto a todos. Participe!

MISSAS			
Dia	Hora	Intenções	
8	Seg	18,30	José do Rosário, José Mendes e João Paulo; Luís da Rocha e Maria José Silva; Mário Alves Cadilha e Virgínia da Lomba Cadilha
9	Ter	18,30	Manuel José Araújo Gomes; Defensor e família; Aurora Cerqueira; Francisco da Silva e Maria José Araújo
10	Qua	18,30	Adelaide Rodrigues da Costa e Agostinho Rodrigues de Sousa; José Leite e Maria da Conceição; Marina Alexandra Caldeira Pedra e João Nunes Pedra; Alfredo Armando Quintiliano; Maria Ermelinda de Almeida
11	Qui	18,30	Francisco Joaquim Ribeiro Pereira; Ana de Magalhães Viegas; António Martins Ramos (30º dia)
12	Sex	18,30	José Bastos; Luís Miranda e familiares; João Alberto, José Joaquim, Manuel Alves e Júlia Fernandes; Rui Manuel Pereira da Silva; Carolina de Miranda e João Mesquita; Laura Alves
13	Sáb	18,30	Ana Magalhães e família; António Matos, esposa e filhos; Fernando Pereira; Alzira de Jesus Esteves e António Augusto Esteves
14	Dom	10	Manuel Jesus Ribeiro; Maria Isabel Coelho Fernandes; Manuel Basílio Barcelos Lima; Falecidos da Família Lomba e Chavarria

PARÓQUIA VIVA

Nº 170 – 07/11/2004

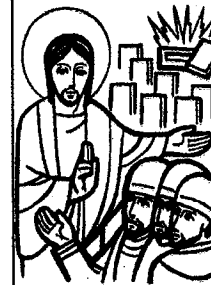
Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 258 83 50 86 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: parouquia.socorro@sapo.pt / Web: parouquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



32º Domingo do Tempo Comum - Ano C



«aqueles que forem dignos de tomar parte na vida futura e na ressurreição dos mortos, nem se casam nem se dão em casamento. ... são como os Anjos, e, porque nasceram da ressurreição, são filhos de Deus. ... Não é um Deus de mortos, mas de vivos, porque para Ele todos estão vivos.» (Evangelho)

Rascunho da vida

Por: João César das Neves,
Professor universitário

Ouvi recentemente dizer: «Agora, que estou no fim da vida...» De repente fui agredido pela violência inaudita desta expressão. Como é que alguém pode contemplar directamente o fim de si próprio? Ninguém, por mais que o diga, é capaz de compreender a sua extinção. Falamos disso, elaboramos reflexões, até rimos ou ansiamos por ela. Mas nada disso equivale a entender a ausência de si mesmo. Que tudo aquilo que sou, os meus sonhos, amores, dores e ânsias, desapareça sem deixar rasto é algo que nenhum de nós pode considerar com verdade. Vemos a todo o momento pessoas morrerem à nossa volta, partirem para sempre e deixarem-nos um horrível vazio. Sofremos com isso e meditamos sobre o sentido da morte. Mas o próprio fim, que eu mesmo desapareça, é algo de inconcebível, incompreensível, incomparável com tudo o resto.

Nenhuma outra criatura que conheçamos tem de olhar directamente para a própria destruição. Vemos muitas coisas mudarem, terminarem, desaparecerem, mas todas são inconscientes desse destino. Se a nossa vida chega ao fim diante dos nossos olhos, somos os mais infelizes de todos os seres. Sofremos bastante com a precariedade das nossas obras, efemeridade das nossas construções, volatilidade dos nossos propósitos. Mas saber que nós mesmos partilhámos de igual precariedade é de outra natureza. Como pode uma pessoa, com a sua elevação intelectual e sublimidade de personalidade, ter a mesma sorte das coisas? As coisas são coisas. Até os outros são outros. Mas eu não posso pensar a ausência de mim. Como pode alguém dizer que chegou ao fim da vida? Há pior ainda... Não nos basta esta patética incongruência de saber que um dia não seremos, mas a isso se junta a cruel ironia de não sabermos quando. O idoso que me dizia ter chegado ao fim da vida pode durar muito mais que eu. Todos os dias, quando acordamos, tanto quanto sabemos, estamos no fim da vida. Na vida nada há mais certo que a morte.

(Continua na pág. 3)

32º Domingo do Tempo Comum – Ano C

LITURGIA DA PALAVRA

QUE SERÁ DE NÓS? - A VISÃO CRISTÃ DA VIDA – A pergunta sobre o que nos espera depois da morte exprime a inquietude insolúvel de todos desde sempre. Filósofos, médicos, investigadores do interior da pessoa humana: psicólogos, psicoterapeutas, quando buscam uma resposta que ultrapasse o tempo, esbarram numa parede intransponível. O tempo para cada um de nós acaba com a morte. E depois?

A liturgia de hoje responde com a visão do Livro dos Macabeus (*1ª leitura*) e com a resposta de Jesus aos saduceus (*Evangelho*).

1ª leitura: 2 Mac. 7, 1-2.9-14

«**O Rei do universo ressuscitar-nos-á para a vida eterna**» – Depois das conquistas de Alexandre, os imperadores gregos que governavam a Palestina, quiseram impor a sua civilização, nomeadamente os seus deuses, aos povos dominados. Não esqueçamos todavia que o povo de Israel foi sempre monoteísta, salvo raras e esporádicas excepções, o que o levou a oferecer tenaz resistência. A descrição que o segundo livro dos Macabeus nos faz, da tentativa de conversão ao culto idólatrico, dos sete irmãos, será um pouco fantasiada. Apesar disso a conclusão que dela se infere é extraordinária: «Vale a pena morrer às mãos dos homens quando se espera que Deus nos ressuscite». Negar o Deus da vida e da ressurreição é negar Jesus Cristo.

2ª leitura: 2 Tess. 2, 16 – 3,

5

«**O Senhor vos torne firmes em toda a espécie de boas obras e palavras**» – Um espírito exageradamente activista para que a mentalidade cristã actual se deixou, talvez, arrastar, e a ânsia de colher, no mais curto espaço de tempo, os frutos do trabalho apostólico, terão contribuído para o afrouxamento na vida de oração. Certo é que o trabalho é oração. Contudo, uma paragem nas actividades diárias, para o estabelecimento de relações mais íntimas e pessoais com Deus, é necessária. Esta é a recomendação do apóstolo S. Paulo aos cristãos de Tessalónica.

Evangelho: Lc. 20, 27-38

«**Não é um Deus de mortos, mas de vivos**» – Acreditar em Deus é aceitar integralmente o conteúdo da mensagem revelada. Dela faz parte o mistério da ressurreição do Filho, Jesus Cristo, e com Ele, de todos os homens.

As objecções levantadas, pelos saduceus, à ressurreição, essencialmente, são as que ainda hoje se levantam.

A ressurreição vive-se sempre que o homem se renova e se propõe construir algo de novo.

Leitura de duas notícias

Numa altura em que tanto se fala em liberdade de expressão, importante pilar da democracia se exercida com responsabilidade, duas notícias passaram despercebidas em Portugal, sem qualquer referência nos principais jornais e telejornais. Uma destas notícias é veiculada pela ACIPRENSA com o título “Ecografias 3D mostram bebé de doze semanas bocejando e esfregando os olhos”. E desenvolvia: “Recentes pesquisas realizadas com um scanner 3D pela obstetra norte-americana Stuart Campbell mostraram em tempo real as expressões faciais de um feto de 12 semanas, que foi visto “caminhando” no útero da mãe, bocejando e esfregando os olhos”. Explica a seguir que as imagens conseguidas pela média norte-americana demonstram que: “A partir da semana 12, o feto pode esticar-se, pontapear e saltar no útero, muito antes de a mãe começar a sentir os seus movimentos; a partir da semana 18, pode abrir os olhos; a partir da semana 26, comporta-se quase como um bebé: ri, coça-se, chora, tem soluço e suga”. Como as novas tecnologias médicas demonstram, muitas teorias sobre o aborto caem por terra. Os políticos que, entre nós, tanto falam da interrupção voluntária da gravidez, deveriam documentar-se melhor. Não restam dúvidas que quem coloca o aborto como acto cultural tem muita cultura para aprender. Esta notícia, tão mal divulgada, confirma tudo quanto a Igreja ensina sobre a vida humana.

(Continua)

Rascunho da vida

Por: João César das Neves,
Professor universitário

(Continuação)

Mas então compreendi que esta frase, tão usada, é completamente falsa. A única certeza da vida é a vida. Desde que nascemos que a nossa existência nos aparece com toda a evidência inelutável da certeza. Falam-nos da morte, vemos a morte, mas o que sentimos, a única coisa que sentimos com segurança, é a vida. A vida que vivemos não é efémera ou precária, não é volátil nem patética, não é cruel nem irónica. A vida que eu vivo é positiva, crescente, irreprimível, florescente, mesmo quando outros se esforçam por a limitar ou destruir. A vida tem começo e tem expansão. A vida é tudo o que eu sou. Como pode uma coisa destas ter fim?

Como pode uma coisa que não pode acabar passar pela morte? Só há uma maneira de conciliar tudo o que sabemos sobre a vida. A única forma de entender o que somos é que esta vida seja um rascunho, um esboço preparatório, um ensaio. Só assim ela pode, ao mesmo tempo, ser positiva e mortal, irreprimível e patética. No rascunho vemos já o esplendor da obra acabada. Mas o rascunho pode ser rasurado, o esboço pode ser melhorado, o ensaio pode ser corrigido. Por isso ele é, ao mesmo tempo, efémero e crescente, precário e florescente. No final, ele será abandonado, quando a obra definitiva for passada a limpo.

300 cristãos convertidos à força ao hinduísmo

D. Alphonse Bilung, Bispo de Rourkela (Índia), denunciou que mais de trezentos cristãos foram obrigados a converter-se ao hinduísmo sob ameaças dos fundamentalistas.

Em declarações à agência *AsiaNews*, o prelado informou que no mês de Outubro mais de trezentos fiéis cristãos do distrito de Sindurgh foram forçados a “abraçar” o hinduísmo durante uma cerimónia pública, após a qual receberam alimentos e roupas como presentes.

D. Bilung disse que os fiéis são ameaçados “com consequências terríveis” se forem à igreja. Acrescentou que em Orissa os grupos integralistas são muito activos, dificultando a vida dos cristãos nas aldeias hindus.

Durante o mês de Setembro, 76 fiéis de Sarat tinham sido obrigados a converter-se à religião hindu.